

CRIANÇAS DESCOBRINDO A FAUNA URBANA: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMUNITÁRIA EM UMA ZONA DE AMORTECIMENTO DA MATA ATLÂNTICA BRASILEIRA

Rayssa Lima dos Santos¹

Resumo: Este relato apresenta uma experiência de educação ambiental comunitária com crianças e famílias em uma praça pública de Camaragibe, Pernambuco, na zona de amortecimento da APA Aldeia-Beberibe. Objetivou-se aproximar os participantes da fauna local por meio de um panfleto educativo ilustrado e diálogos informais. A abordagem foi qualitativa, baseada em observação participante, com registros em caderno de campo posteriormente sistematizados em planilha eletrônica. Os registros indicaram curiosidade, conhecimentos prévios e diferentes percepções sobre a fauna silvestre urbana, além de interesse pelos materiais visuais. A experiência evidenciou a criação de oportunidades de diálogo sobre biodiversidade, comunidade e território.

Palavras-chave: Educação ambiental; infância; biodiversidade; fauna urbana; comunidade.

Abstract: This experience report presents a community-based environmental education activity conducted with children and families in a public square in Camaragibe, Pernambuco, within the buffer zone of the Aldeia-Beberibe Environmental Protection Area. The activity aimed to bring participants closer to local fauna through an illustrated educational pamphlet and informal dialogues. A qualitative approach based on participant observation was adopted, with records documented in a field notebook and subsequently organized in an electronic spreadsheet. The records indicated curiosity, prior knowledge, and different perceptions of urban wildlife, as well as interest in the visual materials.

¹Universidade Federal da Paraíba. E-mail: rayssalimasantos00@gmail.com, Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1970253140800949>

Revbea, São Paulo, V. 21, Nº 4: 336-350, 2026.

The experience provided opportunities for dialogue about biodiversity, community, and territory.

Keywords: Environmental education; childhood; biodiversity; urban fauna; community.

Introdução

A emergência ambiental contemporânea, marcada por crises ecológicas, climáticas e socioculturais interligadas, exige mais do que respostas tecnocientíficas: requer uma reflexão sobre as formas de perceber, habitar e interagir com o mundo. Nessa conjuntura, a educação ambiental se consolida como um campo pedagógico e político relevante para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e comprometidos com a justiça socioambiental (Leff, 2018; Sato; Carvalho, 2005). Ao operar como espaço de problematização da realidade e de reflexão sobre as relações entre sociedade e natureza, a educação ambiental possibilita a articulação entre saberes científicos, conhecimentos locais e experiências vividas, favorecendo processos formativos contextualizados.

Nesse cenário, o reconhecimento e a valorização da biodiversidade local, especialmente da fauna silvestre, constituem estratégias relevantes para a educação ambiental. O conhecimento acerca dos animais que habitam o entorno imediato das comunidades humanas pode contribuir para o fortalecimento de vínculos com o território e para a reflexão sobre as relações estabelecidas entre pessoas e animais (Primack; Rodrigues, 2001). Sousa Filho *et al.* (2021) evidenciaram possibilidades de aproximação entre educação ambiental e valorização da fauna nativa, inclusive por meio da articulação de conteúdos sobre animais com elementos do cotidiano e estratégias educativas contextualizadas. Crianças constituem um público importante para essas ações, considerando que experiências educativas lúdicas, sensoriais e interativas podem favorecer a construção de conhecimentos e valores relacionados ao ambiente, especialmente quando articuladas às experiências familiares e comunitárias (Freire, 1987; Sato; Carvalho, 2005).

No contexto brasileiro, a urbanização e as desigualdades socioambientais podem contribuir para o distanciamento entre populações urbanas e os ecossistemas presentes em seus territórios. A redução e fragmentação de áreas verdes, associadas à expansão urbana, podem dificultar o reconhecimento da biodiversidade local e limitar as oportunidades de contato cotidiano com a natureza. Essa situação possui implicações particulares para as experiências ambientais das crianças, uma vez que os contextos sociais, culturais e territoriais em que vivem participam da construção de seus conhecimentos e percepções sobre a natureza (Barraza; Ceja-Adame, 2003). Nesse contexto, a discussão sobre a chamada desconexão entre crianças e natureza também tem ganhado espaço no campo da educação ambiental (Louv, 2010).

A cidade de Camaragibe, localizada na Região Metropolitana do Recife, em Pernambuco, insere-se no bioma Mata Atlântica, reconhecido por sua elevada biodiversidade e por seu histórico de intensa perda e fragmentação de habitat (Ribeiro *et al.*, 2009). O município também está inserido na área de abrangência da Área de Proteção Ambiental (APA) Aldeia-Beberibe, território que reúne remanescentes de vegetação nativa, cursos d'água e diferentes ambientes relevantes para a conservação da biodiversidade. Ao mesmo tempo, o território apresenta processos de urbanização e ocupação que tensionam as relações entre conservação ambiental, uso do território e qualidade de vida das populações locais.

É nesse contexto que se insere a experiência “Bichos da APA: Educação Ambiental e Descoberta da Fauna Local por Crianças em Espaços Não Formais”, desenvolvida em uma praça pública de Camaragibe, Pernambuco. A ação consistiu na apresentação e distribuição de panfletos educativos ilustrados sobre animais da fauna local, acompanhada de conversas informais com crianças e seus familiares. A proposta partiu da compreensão do território como espaço educativo e buscou utilizar uma linguagem acessível e recursos visuais para aproximar os participantes de elementos da biodiversidade presentes no próprio contexto em que vivem.

A utilização de materiais visuais constitui uma estratégia relevante em ações de educação ambiental destinadas ao público infantil, especialmente quando os conteúdos são apresentados de maneira contextualizada e articulados ao cotidiano dos participantes. Imagens de animais, informações sobre seus hábitos e funções ecológicas e orientações sobre formas de convivência podem favorecer a curiosidade e estimular perguntas e diálogos sobre a fauna local. Nesse sentido, materiais educativos podem funcionar como mediadores de processos de comunicação e diálogo sobre questões ambientais, especialmente em espaços não formais de educação. Essa perspectiva dialoga com Nievas, Souto e Pereira (2022), que destacam a importância dos espaços não formais para a abordagem da conservação da fauna na Educação Básica e apontam a necessidade de ampliar práticas educativas que ultrapassem os limites do espaço escolar.

A educação ambiental crítica contribui para compreender essas práticas para além da simples transmissão de informações. Conforme Loureiro (2004), Sauv   (2005), Leff (2018) e Sato e Carvalho (2005), a educa  o ambiental crítica considera as rela  es entre sociedade, natureza, território e poder, reconhecendo que as questões ambientais estão relacionadas a processos históricos e sociais. Nessa perspectiva, a  es educativas territorializadas podem constituir espaços de diálogo sobre os modos como diferentes grupos percebem, utilizam e se relacionam com os ambientes em que vivem.

A educa  o popular também oferece elementos importantes para a constru  o de práticas educativas baseadas no diálogo e na valoriza  o dos saberes da experiência. Inspirada em Freire (1987), essa perspectiva compreende a educa  o como processo dialógico, no qual os sujeitos participam

da construção dos conhecimentos a partir de suas experiências e da leitura crítica da realidade. Aplicada à educação ambiental, essa abordagem possibilita valorizar os conhecimentos cotidianos e as experiências dos participantes, evitando que a informação científica seja apresentada de forma exclusivamente vertical. Essa compreensão encontra correspondência em experiências nas quais práticas de educação ambiental são articuladas ao cotidiano dos participantes e ao envolvimento da comunidade, reforçando a importância de estabelecer vínculos entre as questões socioambientais e os contextos concretos de vida (Uhde *et al.*, 2021).

No caso da fauna urbana, essa perspectiva assume importância particular, uma vez que os animais silvestres podem ser percebidos de diferentes maneiras pelas populações humanas. Algumas espécies podem despertar curiosidade e admiração, enquanto outras podem estar associadas a medo, incômodo ou representações negativas. O diálogo sobre esses animais pode, portanto, constituir uma oportunidade para problematizar conhecimentos prévios, esclarecer dúvidas e discutir formas de convivência com a fauna presente nos territórios urbanos. A abordagem da fauna em ações educativas também pode contribuir para aproximar conhecimentos sobre conservação da realidade cotidiana dos participantes, como observado por Sousa Filho *et al.* (2021) ao discutirem estratégias de valorização da fauna nativa no contexto educacional.

Além disso, a participação de familiares nas ações voltadas às crianças amplia a dimensão comunitária da educação ambiental. A presença de mães, avós e outras pessoas responsáveis pelo acompanhamento das crianças pode favorecer a circulação das informações para além do momento da atividade (Ballantyne; Connell; Fien, 1998; Ballantyne; Fien; Packer, 2001). Entretanto, neste estudo, essa participação é compreendida a partir dos registros realizados durante a ação, não sendo possível inferir, a partir deles, efeitos posteriores sobre práticas familiares ou comportamentos ambientais.

Dessa forma, a experiência “Bichos da APA” é compreendida neste trabalho como uma ação pontual de educação ambiental comunitária, realizada em espaço não formal e fundamentada no diálogo, na comunicação visual e na valorização da fauna local. O estudo não pretende mensurar mudanças de conhecimento, atitudes ou comportamentos decorrentes da intervenção, mas descrever a experiência e analisar qualitativamente as interações, manifestações e percepções registradas durante sua realização. A partir desse enquadramento, o objetivo deste trabalho é apresentar uma experiência de educação ambiental comunitária voltada à aproximação de crianças e famílias com a fauna local, utilizando materiais educativos ilustrados e diálogos informais em espaço público, bem como descrever e analisar qualitativamente as interações, percepções e manifestações registradas durante a atividade.

Metodologia

Caracterização da ação e contexto

A intervenção “Bichos da APA” foi realizada em 12 de maio de 2025, no período da tarde, na Praça Maria Amazonas, localizada no bairro Jardim Primavera, município de Camaragibe, Pernambuco, Brasil. A atividade foi concebida como uma ação pontual de educação ambiental comunitária em espaço não formal, direcionada principalmente a crianças acompanhadas por familiares. A escolha da praça esteve relacionada à sua utilização cotidiana pela população local, especialmente por crianças e pessoas responsáveis por seu acompanhamento. O espaço foi compreendido como território educativo, no qual interações cotidianas poderiam favorecer a aproximação entre os participantes e conteúdos relacionados à biodiversidade local.

A atividade foi desenvolvida no âmbito da iniciativa “Bichos da APA”, voltada à divulgação científica de informações sobre a fauna presente no território da Área de Proteção Ambiental (APA) Aldeia-Beberibe. A proposta consistiu na apresentação e distribuição de um panfleto educativo ilustrado, acompanhada de conversas informais sobre os animais representados no material, seus hábitos, características ecológicas, ocorrência na região e formas de convivência com a fauna silvestre. A opção por um espaço não formal esteve relacionada à intenção de aproximar a educação ambiental do cotidiano da comunidade, uma vez que esses locais permitem abordar a conservação da fauna e desenvolver experiências educativas para além do ambiente escolar (Nievas; Souto; Pereira, 2022).

Público participante

Participaram diretamente da atividade 20 famílias que circulavam ou permaneciam na praça durante o período da intervenção. A atividade não contou com processo de inscrição prévia ou seleção dos participantes, uma vez que a aproximação ocorreu espontaneamente no espaço público. As crianças participantes apresentavam, predominantemente, idade aproximada entre 4 e 12 anos. Elas estavam acompanhadas principalmente por mulheres adultas responsáveis por seu cuidado, incluindo mães e avós.

Não foram coletadas informações individualizadas sobre renda, escolaridade, profissão ou outras características socioeconômicas das famílias. Dessa forma, tais aspectos não são apresentados como características da amostra, evitando-se inferências que não foram sustentadas pelos registros produzidos durante a ação. A caracterização dos participantes foi, portanto, realizada a partir das informações efetivamente observadas e registradas durante a atividade: presença de crianças acompanhadas por familiares, faixa etária das crianças, participação espontânea nas conversas e manifestações relacionadas ao conteúdo do material educativo.

Material educativo

O principal recurso utilizado na intervenção foi um panfleto educativo ilustrado produzido especificamente para a ação. O material apresentava informações sobre a Mata Atlântica e espécies da fauna local, incluindo animais que podem ocorrer em ambientes urbanos ou em áreas próximas às residências, além de informações sobre características ecológicas e formas de convivência com a fauna silvestre. A elaboração do material buscou utilizar linguagem acessível, textos curtos, imagens de animais e elementos gráficos direcionados à compreensão de crianças e familiares.

A escolha dos recursos visuais teve como objetivo facilitar a identificação das espécies e estimular a curiosidade e o diálogo durante a atividade. O panfleto foi desenvolvido utilizando as ferramentas digitais Canva e GIMP (GNU Image Manipulation Program). O Canva foi empregado principalmente para organização gráfica e diagramação, enquanto o GIMP foi utilizado para ajustes e refinamentos de elementos visuais. Algumas imagens utilizadas no material foram provenientes de bancos de imagens de uso permitido (Material suplementar).

Procedimento da intervenção

A atividade foi conduzida por uma educadora ambiental, responsável pela apresentação do material e pela mediação das conversas com os participantes. A abordagem dos participantes ocorria de acordo com a dinâmica de circulação e permanência das famílias na praça. Inicialmente, o material era apresentado às crianças e aos familiares. Em seguida, eram explicadas as informações relacionadas aos animais representados, seus hábitos, ocorrência e importância ecológica. A partir dessas explicações, os participantes eram convidados a observar as imagens, fazer perguntas, comentar experiências anteriores e compartilhar conhecimentos relacionados à fauna. Não foi utilizado roteiro estruturado de entrevista ou questionário. As conversas ocorreram de maneira informal e espontânea, acompanhando o interesse demonstrado pelos participantes durante a apresentação do material.

A intervenção, portanto, não foi planejada como uma entrevista ou como uma pesquisa baseada em depoimentos individuais. O conteúdo registrado posteriormente corresponde às manifestações consideradas relevantes pela pesquisadora durante a atividade, especialmente perguntas, comentários, associações com experiências cotidianas e reações ao material educativo.

Registro das observações

O acompanhamento da atividade foi realizado por meio de observação participante, com registros em caderno de campo produzidos durante e após as interações. Por se tratar originalmente de uma ação educativa comunitária, não foi utilizado protocolo estruturado de observação com categorias previamente

definidas. Os registros foram orientados pelas situações observadas durante a atividade e contemplaram principalmente: perguntas e comentários das crianças; manifestações dos adultos acompanhantes; reconhecimento ou desconhecimento dos animais apresentados; referências a experiências anteriores com a fauna; dúvidas sobre ocorrência, comportamento ou risco associado aos animais; reações e formas de interação com o material visual; e situações de participação ou mediação dos familiares. Os registros não correspondem a transcrições literais das falas dos participantes. Quando uma manifestação é apresentada neste artigo, ela representa uma síntese interpretativa elaborada pela pesquisadora a partir do conteúdo expresso durante a interação, preservando seu sentido geral, mas não constituindo citação textual do participante. Após a atividade, os registros do caderno de campo foram sistematizados em uma planilha eletrônica no Microsoft Excel. A planilha reuniu os conteúdos referentes às manifestações das crianças e dos adultos acompanhantes, perguntas recorrentes, referências a experiências anteriores com animais, reações aos materiais visuais e conteúdos relacionados às percepções sobre a fauna local.

Procedimento de análise

A análise foi conduzida de forma qualitativa, descritiva e interpretativa a partir dos registros sistematizados na planilha eletrônica. Inicialmente, os registros foram examinados com o objetivo de identificar recorrências, aproximações e diferenças entre as manifestações observadas. Em seguida, conteúdos relacionados foram agrupados por proximidade temática, considerando o foco predominante de cada registro. Esse processo de organização resultou em quatro categorias analíticas construídas posteriormente a partir dos registros: (1) curiosidade e conhecimentos prévios sobre a fauna local; (2) recepção dos materiais visuais; (3) percepções e representações sobre a fauna urbana; e (4) participação familiar e mediação. As categorias, portanto, não constituíram variáveis ou critérios definidos previamente à intervenção, mas agrupamentos utilizados para sistematizar e interpretar as manifestações registradas durante a experiência (Tabela 1).

A análise não teve como finalidade quantificar frequências, mensurar mudanças de conhecimento ou avaliar efeitos da intervenção sobre atitudes ou comportamentos. Também não foram realizadas comparações antes e depois da atividade. O procedimento buscou descrever e interpretar como crianças e familiares interagiram com os conteúdos, com o material educativo e com a educadora durante a ação.

Tabela 1: Categorias de análise das manifestações observadas durante a intervenção educativa.

CATEGORIA	DESCRIÇÃO / FOCO DA ANÁLISE	OBSERVAÇÕES / CONTEXTO
Curiosidade e conhecimentos prévios	Manifestações relacionadas ao reconhecimento ou desconhecimento das espécies, perguntas sobre ocorrência, comportamento e características dos animais.	Foco na identificação de lacunas de conhecimento e curiosidade espontânea dos participantes.
Recepção dos materiais visuais	Observações relacionadas à atenção, interesse, manipulação e utilização do panfleto como elemento desencadeador das conversas.	Foco no papel do recurso visual como suporte para a interação educativa.
Percepções e representações sobre a fauna urbana	Manifestações associadas a medo, curiosidade, admiração, incômodo ou outras formas de percepção dos animais.	Foco na problematização de percepções e representações prévias sobre a fauna local.
Participação familiar e mediação	Situações em que mães, avós ou outras acompanhantes participaram da conversa, compartilharam experiências ou mediaram a interação.	Foco na dimensão intergeracional e na participação comunitária.

Fonte: Autoria própria (2026).

Aspectos éticos

A atividade foi originalmente concebida e realizada como uma ação de educação ambiental comunitária em espaço público, e não como entrevista, aplicação de questionário ou coleta formal de depoimentos para pesquisa. As interações ocorreram espontaneamente durante a apresentação do material educativo. Não foram coletados nomes, endereços, contatos, informações socioeconômicas ou outros dados destinados à identificação individual dos participantes. Os registros utilizados neste relato correspondem às observações e sínteses produzidas pela pesquisadora durante a atividade educativa, sem constituição de banco de dados individualizado e sem transcrição literal das manifestações dos participantes. A atividade não foi submetida previamente ao Comitê de Ética em Pesquisa e, portanto, não possui número de parecer de aprovação. Também não foram aplicados Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou Termo de Assentimento. Na elaboração do manuscrito, foram preservados o anonimato e a não identificação individual dos participantes. O registro fotográfico da atividade e a utilização das imagens foram autorizados pelos responsáveis pelas crianças. Para sua apresentação neste manuscrito, as fotografias foram selecionadas e tratadas de modo a preservar a identidade dos menores e impedir seu reconhecimento individual (Figura 1).



Figura 1: Registros da atividade de educação ambiental comunitária “Bichos da APA”, realizada na Praça Maria Amazonas, Camaragibe, Pernambuco. **(A)** Apresentação do material educativo ilustrado e interação com crianças durante a abordagem sobre a fauna local. **(B)** Participação das crianças durante a atividade e utilização do panfleto educativo como suporte para as interações.

Fonte: Acervo do projeto Bichos da APA (2025).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos registros produzidos durante a intervenção permitiu organizar as manifestações observadas em quatro categorias: (1) curiosidade e conhecimentos prévios sobre a fauna local; (2) recepção dos materiais visuais; (3) percepções e representações sobre a fauna urbana; e (4) participação familiar e mediação. Essas categorias não representam variáveis previamente mensuradas, mas agrupamentos temáticos construídos a partir dos registros realizados durante a atividade. Em razão da natureza dos registros de campo, as manifestações dos participantes são apresentadas a seguir em discurso indireto, como sínteses dos conteúdos registrados pela pesquisadora, e não como citações literais. Os exemplos apresentados foram selecionados por sua relação com as categorias analíticas e por contribuírem para caracterizar as interações observadas durante a atividade.

Curiosidade e conhecimentos prévios sobre a fauna local

Durante as interações registradas, a apresentação das imagens dos animais foi acompanhada por perguntas e comentários relacionados à ocorrência da fauna no território. Entre as manifestações registradas pela pesquisadora, foram recorrentes questionamentos sobre se determinados animais realmente poderiam ser encontrados próximos às residências, se apresentavam risco às pessoas e quais ambientes utilizavam. Essas manifestações foram interpretadas como indicativas de curiosidade e, em alguns

casos, de desconhecimento sobre a ocorrência de espécies silvestres no próprio território. Entretanto, os registros não permitem afirmar que os participantes apresentavam baixo conhecimento ambiental de maneira geral, tampouco permitem mensurar a existência de mudanças cognitivas produzidas pela atividade.

A aproximação entre educação ambiental e valorização da fauna nativa constitui uma estratégia já discutida em experiências publicadas. Sousa Filho *et al.* (2021), por exemplo, destacam a possibilidade de utilizar a fauna nativa como elemento articulador de práticas de educação ambiental, aproximando os participantes de espécies e questões relacionadas à conservação. No caso do “Bichos da APA”, essa aproximação ocorreu principalmente por meio da relação entre as imagens apresentadas e as experiências cotidianas dos participantes. Durante as interações, conteúdos relacionados à fauna foram discutidos a partir de situações familiares aos participantes, como encontros com animais próximos às residências, relatos sobre espécies observadas em áreas verdes e dúvidas sobre a forma adequada de lidar com determinados animais.

Esse aspecto é relevante porque a fauna urbana frequentemente é percebida a partir de categorias simplificadas, nas quais determinados animais são associados exclusivamente a perigo, sujeira ou incômodo. Durante as conversas informais, foram apresentadas outras dimensões dessas espécies, incluindo seus hábitos e funções ecológicas, sem pressupor que essas explicações resultassem necessariamente em mudanças de comportamento.

Recepção dos materiais visuais

A recepção do panfleto constituiu outro aspecto recorrente nos registros de campo. As crianças demonstraram interesse principalmente pelas imagens dos animais, aproximando-se do material, observando suas ilustrações e utilizando-as como referência para perguntas e comentários. As imagens também foram utilizadas pelos participantes como referência para a identificação e o reconhecimento dos animais apresentados. Em diferentes momentos, as imagens foram utilizadas como elementos de referência para a conversa, permitindo que a educadora partisse daquilo que chamava a atenção das crianças para apresentar informações complementares. Esse resultado deve, contudo, ser interpretado com cautela. A observação de interesse pelo material não permite concluir que as ilustrações tenham produzido aprendizagem ou mudança de percepção. O que os registros sustentam é que o material visual foi utilizado pelos participantes como suporte para interação e diálogo durante a atividade.

A utilização de espaços não formais e de recursos educativos voltados à fauna apresenta correspondência com experiências discutidas por Nievas, Souto e Pereira (2022), que destacam o potencial desses espaços para ampliar as oportunidades de contato com conteúdos relacionados à conservação da fauna. No “Bichos da APA”, o material visual foi utilizado durante interações que envolveram participantes de diferentes gerações. Enquanto as crianças

frequentemente se concentravam nas imagens, os adultos acompanhavam as explicações e, em alguns casos, relacionavam o conteúdo apresentado a experiências próprias.

Assim, o panfleto pode ser compreendido não apenas como instrumento de transmissão de informação, mas como mediador da interação educativa. Sua função, entretanto, deve ser entendida dentro dos limites da experiência: os registros documentam sua utilização durante a ação, mas não permitem avaliar sua efetividade pedagógica em longo prazo.

Percepções e representações sobre a fauna urbana

As manifestações registradas também revelaram diferentes formas de percepção sobre os animais apresentados. Algumas espécies despertaram curiosidade e interesse, enquanto outras foram associadas inicialmente a medo, perigo ou incômodo. Entre os conteúdos registrados pela pesquisadora, apareceu, por exemplo, a associação inicial do gambá a uma imagem negativa. Durante a conversa, a apresentação de informações sobre sua alimentação e sua função ecológica possibilitou discutir a espécie para além da representação de “praga”. Esse episódio foi interpretado como uma oportunidade de problematização de conhecimentos prévios e não como evidência de transformação permanente da percepção dos participantes. O registro permite afirmar que houve, naquele momento, uma conversa sobre a representação do animal e sobre outras possibilidades de compreendê-lo, mas não permite afirmar que a percepção dos participantes tenha sido modificada de forma duradoura.

Essa cautela é particularmente importante porque ações pontuais de educação ambiental não permitem, isoladamente, estabelecer relações causais entre uma intervenção e mudanças posteriores de comportamento. No presente estudo, os registros documentaram a criação de um espaço momentâneo de diálogo sobre a fauna e diferentes possibilidades de interpretação dos animais presentes no território. A valorização da fauna nativa por meio de práticas educativas encontra respaldo na literatura, incluindo a experiência apresentada por Sousa Filho *et al.* (2021). Entretanto, enquanto esses trabalhos contribuem para contextualizar a importância da abordagem educativa da fauna, os resultados aqui apresentados permanecem restritos às manifestações observadas durante a intervenção.

Participação das mulheres cuidadoras e mediação familiar

Entre os adultos acompanhantes, observou-se participação recorrente de mulheres, especialmente mães e avós, que permaneceram junto às crianças durante as interações. Em diferentes momentos, essas cuidadoras incentivaram a observação das imagens, direcionaram a atenção das crianças para determinados animais, compartilharam experiências anteriores relacionadas à fauna e participaram das conversas desencadeadas pelo material educativo. Esses registros indicam que a interação não ocorreu exclusivamente entre a

Revbea, São Paulo, V. 21, Nº 4: 336-350, 2026.

educadora e as crianças, mas também envolveu os familiares presentes como participantes da experiência. A participação observada pode ser compreendida no contexto mais amplo das interações intergeracionais em educação ambiental.

Estudos indicam que experiências educativas envolvendo crianças podem criar oportunidades para a comunicação sobre questões ambientais entre diferentes membros da família e para a circulação de conhecimentos, percepções e experiências para além do espaço imediato da atividade (Ballantyne; Connell; Fien, 1998; Ballantyne; Fien; Packer, 2001). Ballantyne, Fien e Packer (2001), ao investigarem programas de educação ambiental e seus desdobramentos entre estudantes e familiares, identificaram situações em que experiências educativas favoreceram discussões entre crianças e seus pais sobre questões ambientais. No presente relato, contudo, não houve acompanhamento das famílias após a atividade, de modo que não é possível afirmar que as interações observadas produziram continuidade das discussões no ambiente doméstico ou mudanças posteriores nas práticas familiares. Da mesma forma, embora mães e avós tenham se destacado entre os acompanhantes presentes, o estudo não foi delineado para investigar relações de gênero ou atribuir às mulheres um papel específico ou permanente de educadoras ambientais. Os registros permitem afirmar apenas que, naquele contexto, a participação dessas mulheres constituiu uma dimensão relevante da mediação familiar durante a atividade.

Síntese da experiência e diálogo com a literatura

Consideradas em conjunto, as quatro categorias indicam que a intervenção criou oportunidades de interação entre crianças, familiares, educadora e materiais educativos em torno da fauna local. O principal resultado observado não foi uma mudança mensurável de conhecimento ou comportamento, mas a ocorrência de situações de diálogo sobre a biodiversidade presente no território e de interação dos participantes com os conteúdos apresentados. A experiência dialoga com estudos que destacam diferentes possibilidades de inserção da fauna nas práticas de educação ambiental (Sousa Filho *et al.*, 2021), o potencial dos espaços formais e não formais para a conservação da fauna (Nievas; Souto; Pereira, 2022) e a articulação da educação ambiental com o cotidiano e a comunidade (Uhde *et al.*, 2021). Esses diálogos ajudam a situar o “Bichos da APA” dentro de um conjunto mais amplo de experiências brasileiras que utilizam práticas educativas contextualizadas para aproximar os sujeitos de questões socioambientais. A especificidade desta experiência está na articulação entre fauna local, infância, espaço público e comunicação visual, realizada em uma praça urbana de Camaragibe.

A perspectiva da educação ambiental crítica oferece elementos para compreender essa experiência para além da transmissão de informações sobre espécies. Conforme Loureiro (2004), a educação ambiental crítica considera as relações entre sociedade, natureza e contexto social, permitindo compreender

as questões ambientais a partir das condições concretas em que os sujeitos vivem. No presente caso, a discussão sobre fauna ocorreu em um território urbano marcado pela presença simultânea de áreas construídas e remanescentes de vegetação, tornando a biodiversidade um elemento do cotidiano local.

A educação popular também oferece uma chave de interpretação para a experiência, especialmente pela valorização do diálogo e dos conhecimentos produzidos a partir das experiências vividas (Freire, 1987). A intervenção não partiu exclusivamente da exposição de conteúdos científicos, mas utilizou as perguntas, comentários e experiências dos participantes como elementos para conduzir a conversa. Nesse sentido, a experiência ilustra uma possibilidade de utilização de práticas simples e de baixo custo em ações de educação ambiental comunitária. Contudo, essa possibilidade não deve ser confundida com comprovação de eficácia. A intervenção não foi acompanhada por avaliação pré e pós-atividade, não contou com grupo de comparação e não realizou acompanhamento longitudinal dos participantes.

Limitações do estudo

A principal limitação da experiência está relacionada ao seu caráter pontual e descritivo. A atividade foi realizada em uma única praça, em uma única ocasião, envolvendo 20 famílias. Dessa forma, os registros não podem ser generalizados para a população de Camaragibe ou para outras comunidades. Outra limitação está relacionada à ausência de instrumentos formais de avaliação. Não foram aplicados questionários, entrevistas estruturadas ou testes de conhecimento antes e depois da atividade. Consequentemente, não é possível quantificar mudanças na percepção, no conhecimento, nas atitudes ou nos comportamentos dos participantes.

Além disso, os registros foram produzidos pela própria pesquisadora a partir de sua observação da atividade. As manifestações apresentadas no artigo são sínteses interpretativas dos conteúdos observados, e não transcrições literais das falas dos participantes. Esse procedimento permite analisar qualitativamente a experiência, mas envolve necessariamente a perspectiva interpretativa da pesquisadora. A caracterização socioeconômica dos participantes também foi limitada, pois não foram coletados dados individualizados sobre renda, escolaridade ou outras variáveis sociodemográficas. Da mesma forma, embora tenha sido observada participação expressiva de mulheres cuidadoras, não foi realizado estudo específico sobre gênero ou sobre práticas familiares posteriores à intervenção.

Essas limitações devem ser consideradas na interpretação dos resultados e impedem que a experiência seja apresentada como evidência de eficácia de uma metodologia educativa específica. Seu principal valor está na documentação e na reflexão sobre uma prática concreta de educação ambiental comunitária desenvolvida em um espaço público e territorialmente situado.

CONCLUSÃO

A experiência de educação ambiental comunitária realizada na Praça Maria Amazonas possibilitou registrar diferentes formas de interação de crianças e familiares com conteúdos relacionados à fauna local. As observações indicaram curiosidade, conhecimentos prévios e dúvidas sobre os animais apresentados, bem como diferentes percepções sobre a fauna silvestre presente no cotidiano urbano. Os materiais visuais foram utilizados pelos participantes como referência para o reconhecimento dos animais e para a formulação de perguntas e comentários durante as interações. A participação dos familiares, especialmente de mães e avós, também integrou a dinâmica da atividade, por meio do acompanhamento das crianças, do compartilhamento de experiências e da mediação das conversas. Nesse contexto, a ação criou oportunidades de diálogo sobre biodiversidade e sobre a presença da fauna no cotidiano e no território dos participantes.

Por se tratar de uma intervenção pontual, baseada em observação participante e sem instrumentos de avaliação pré e pós-atividade, os resultados não permitem afirmar que houve aprendizagem, mudança de percepção ou alteração de comportamento decorrente da ação. Também não é possível avaliar a permanência ou os desdobramentos das interações observadas após a atividade. Os resultados devem, portanto, ser compreendidos como registros contextualizados de uma experiência educativa comunitária. Essas limitações devem ser consideradas na interpretação dos resultados e impedem que a experiência seja apresentada como evidência de eficácia de uma metodologia educativa específica. Seu principal valor está na documentação e na reflexão sobre uma prática concreta de educação ambiental comunitária desenvolvida em um espaço público e territorialmente situado.

Referências

BALLANTYNE, Roy; CONNELL, Sharon; FIEN, John. Students as catalysts of environmental change: a framework for researching intergenerational influence through environmental education. **Environmental Education Research**, v. 4, n. 3, p. 285–298, 1998. DOI: 10.1080/1350462980040304.

BALLANTYNE, Roy; FIEN, John; PACKER, Jan. Program effectiveness in facilitating intergenerational influence in environmental education: lessons from the field. **The Journal of Environmental Education**, v. 32, n. 4, p. 8–15, 2001. DOI: 10.1080/00958960109598657.

BARRAZA, Laura; CEJA-ADAME, María P. Los niños de la comunidad indígena de San Juan Nuevo: su conocimiento ambiental y su percepción sobre “naturaleza”. In: VELÁSQUEZ, Alejandro; TORRES, Alejandro; BOCCO, Gerardo (comp.). **Las enseñanzas de San Juan: investigación participativa para el manejo integral de recursos naturales**. México: Instituto Nacional de Ecología (INE); Secretaría de Medio Ambiente y Recursos Naturales (SEMARNAT), 2003. p. 371–398.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOUV, Richard. **Last child in the woods: saving our children from nature-deficit disorder**. New York: Algonquin Books, 2010.

NIEVAS, Ana Maria; SOUTO, Andréa Ferreira; PEREIRA, Cláudio Alves. Conservação da fauna na Educação Básica: investigação sobre as contribuições dos espaços formais e não-formais de ensino. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 17, n. 3, p. 416–432, 2022. DOI: 10.34024/revbea.2022.v17.13568.

PRIMACK, Richard B.; RODRIGUES, Efraim. **Biologia da conservação**. Londrina: E. Rodrigues, 2001.

RIBEIRO, Milton Cezar; METZGER, Jean Paul; MARTENSEN, Alexandre Camargo; PONZONI, Flávio Jorge; HIROTA, Márcia Makiko. The Brazilian Atlantic Forest: how much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. **Biological Conservation**, v. 142, n. 6, p. 1141–1153, 2009. DOI: 10.1016/j.biocon.2009.02.021.

SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (org.). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 317–322, 2005. DOI: 10.1590/S1517-97022005000200012.

SOUSA FILHO, Francisco Alves de; SALES, Francisco Arlan; FERREIRA, Letícia Sousa dos Santos; NÁPOLIS, Patrícia Maria Martins. A Educação Ambiental na valorização da fauna nativa: da arena à escola. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 16, n. 6, p. 436–447, 2021. DOI: 10.34024/revbea.2021.v16.12039.

UHDE, Eliane Marili; UHDE, Leonir Terezinha; BIANCHI, Vidica; FERNANDES, Sandra Beatriz Vicenci. Práticas de Educação Ambiental em uma escola de campo. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 16, n. 1, p. 114–129, 2021. DOI: 10.34024/revbea.2021.v16.10755.